

376.4  
S586c  
ex 1  
C92569109

**BIBLIOTECA**  
**UNEMAT**

Campi: \_\_\_\_\_ da-MT

RG N.º 00114 519

Data 22 / 11 / 05

( ) Compra ☒ Doação ( ) Permuta

ESTADO DE MATO GROSSO  
SECRETARIA DO ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
INSTITUTO DE LINGUAGEM  
*CAMPUS* UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS

COMO É VISTO O PROBLEMA DA DISLEXIA NA ESCOLA

Cleide Santiago Silva

Pontes e Lacerda – MT

2005

Cleide Santiago Silva

## COMO É VISTO O PROBLEMA DA DISLEXIA NA ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Letras.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Selma de Albuquerque Cavalcanti Kirsch

Pontes e Lacerda – MT

2005

Este ensaio monográfico foi apresentado e defendido perante a seguinte banca examinadora.

---

---

---

Local e data da aprovação

---

À minha mãe, Derzides Santiago Silva, pelas  
suas orações;

Aos meus irmãos Andrea e Clóvis e ao meu  
pai por terem estimulado os meus estudos;

À minha amiga Valdenice Ribeiro e meus  
colegas de classe: Keila, Anair, Elizani,  
Eduardo, Célia, Alessandra, Edna, Luís Carlos,  
pela amizade e por serem vencedores.

Deixo expressa aqui minha gratidão à Selma de Albuquerque Cavalcanti Kirsch e Cleunice Maria de Andrade, pela orientação na elaboração da monografia com responsabilidade, atenção, dedicação e, principalmente, confiança em mim.

*Qualquer meta só pode ser atingida quando se  
percorre um caminho para chegar até lá.*

(Jaime Luiz Zorzi)

## RESUMO

A dislexia é confundida com outros problemas de aprendizagem por serem parecidos e envolvem elementos em comuns.

Este estudo busca definir e mostrar ao leitor características que a difere de outras dificuldades de aprendizagem e discutir sobre suas peculiaridades afim de esclarecer as principais dúvidas dos profissionais da educação apontando algumas estratégias para facilitar o ensino do aluno disléxico e na aceitação no ambiente escolar.

Palavras-chave: dislexia, distúrbio de aprendizagem, ensino, fonoaudiologia.

## SUMMARY

The dyslexia is confound with other problem of study pro be similar and involve element in common. This study search define and show reader characteristic that the difference of other difficulty of stud and discuss about your peculiarity similar to clear the main thing doubt of professional of education to point something strategies for flair the educational of study dyslexia and in the accept in the environment school.

Word-key: dyslexia, problem of study, education, phonology,

## SUMÁRIO

|                                                    |    |
|----------------------------------------------------|----|
| INTRODUÇÃO.....                                    | 8  |
| CAPÍTULO I                                         |    |
| DEFININDO A DISLEXIA.....                          | 9  |
| CARACTERÍSTICAS HABITUAIS EM DISLÉXICOS.....       | 10 |
| ENSINAMENTOS ESPECÍFICOS PARA OS DISLÉXICOS.....   | 13 |
| QUESTÕES SOBRE A DISLEXIA.....                     | 14 |
| CAPÍTULO II                                        |    |
| O PROCESSO DA LEITURA E DA ESCRITA.....            | 18 |
| O PROCESSO DA LEITURA.....                         | 18 |
| OS PROCESSOS DO LEITOR.....                        | 19 |
| OS PROCESSOS PERCEPTIVOS.....                      | 19 |
| PROCESSOS LÉXICOS.....                             | 20 |
| PROCESSO DA ESCRITA.....                           | 21 |
| DISTÚRBIOS DA ESCRITA.....                         | 22 |
| CAPÍTULO III                                       |    |
| COMO É VISTO O PROBLEMA DA DISLEXIA NA ESCOLA..... | 24 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS.....                          | 34 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....                    | 36 |

## INTRODUÇÃO

Este estudo é direcionado aos profissionais da educação, pais e alunos. É um trabalho que pretende esclarecer as dúvidas sobre as especificidades da dislexia nas escolas, confundida inúmeras vezes com outros problemas de aprendizagem freqüentes no processo de alfabetização.

O primeiro capítulo tem a finalidade de definir a dislexia e mostrar as características comuns do disléxico. Relata ainda as dúvidas principais dos próprios professores sobre esse tema tão relevante no seu dia-a-dia.

O segundo capítulo tem o objetivo de esclarecer ao leitor sobre o desenvolvimento do processo de leitura e escrita do aluno disléxico.

No último capítulo são abordados os distúrbios de leitura e escrita relacionando-os com as alterações encontradas no cotidiano escolar, baseados na prática de alguns professores de alfabetização, ensino fundamental e ensino médio.

Nas considerações finais o texto aborda alguns métodos e ou sugestões de como a família e educadores devem lidar com o disléxico.

## CAPÍTULO I

### DEFININDO A DISLEXIA

O estudo sobre a dislexia, tão difundido entre as escolas, iniciou-se na área médica com a intenção de se nomear a perda da linguagem em pacientes com acidentes vascular cerebral (A.V.C.), por Berlin de Shuttgart, em 1887, porém o médico Johan Schimidt (1640-1690) já a havia detectado.

Kussmaul, em 1877, denominou-a de cegueira verbal e foi reconhecido pela literatura médica por ter separado a incapacidade de ler como uma entidade nosológica independente, pode não estar associada a qualquer outro tipo de alteração orgânica. Entretanto, os seus colegas de profissão continuaram a relacioná-la como uma disfunção cerebral e ao desenvolvimento lingüístico.

Entre as pesquisas concomitante a de Kussmaul, a do cirurgião ocular James Fhinschelwood reafirma os estudos de seu colega, conforme observamos em:

Um cirurgião ocular chamado James Fhinschelwood, a partir de uma série de estudos de casos realizados com crianças, identifica uma dificuldade para a leitura que seria inata e acrescenta o atributo congênito à já denominada cegueira verbal. Essa síndrome interessa inicialmente apenas aos oftalmologistas, mas acaba sendo adotado por grande parte da comunidade científica que passa a crer num tipo específico da afasia inata, para explicar o que se chamou primeiramente de cegueira verbal congênita. A partir da analogia com os casos adquiridos de alexia ou dislexia surge a idéia especulativa de uma aplasia congênita de um ou ambos os giros angulares. Mas, sem evidência a favor ou contra, aqueles que imaginavam um defeito estrutural do cérebro passaram a ser a minoria. (FILHO, 1997: 925)

O médico Orton foi de grande valor por ater-se a elementos que não eram considerados relevantes na aprendizagem da leitura. Como a influência do meio social nos índices de analfabetismo em jovens e adultos não disléxicos e a interferência das emoções no aprendizado. Alguns autores acreditam que a causa de não se ler é devido a uma incapacidade de sequencializar fonemas, isso é contestado por Oliveira.

Mas, como o fonema é uma entidade distintiva mínima destituída de significado, que faz parte da 2ª articulação da linguagem<sup>1</sup> (André Martinet) ele não pode ser segmentado na fala, assim como uma letra não pode ser segmentada na escrita e na leitura. Portanto este termo, segmentação, no caso, é inadequado. (OLIVEIRA, 2000: 211)

Esse autor acredita que o distúrbio de processamento fonológico causado da dislexia é uma dificuldade de processamento num hemisfério cerebral responsável pela linguagem.

Atualmente, a dislexia não é considerada uma doença, mas como uma leve alteração no funcionamento cerebral na área a qual se processa a linguagem, isso é comprovado em exames os quais apresentam as imagens do cérebro do disléxico, o que leva a crer que é uma inabilidade da linguagem que se reflete na leitura.

E assim, a dislexia é definida como uma considerável e inexplicável dificuldade em aprender a ler e escrever, apesar da integridade da inteligência, integridade sensorial, independentemente do recebimento de estímulos e diversificadas metodologias de ensino-aprendizagem.

## CARACTERÍSTICAS HABITUAIS EM DISLÉXICOS<sup>2</sup>

### Na Educação infantil

Os pais e os professores percebem, primeiramente:

- Atraso na fala;
- Dificuldade para seqüenciar as sílabas dentro da palavra;
- Embaraço para expressar alguns fonemas e palavras rimadas;
- Delonga-se a incorporar palavras novas ao seu vocabulário;
- Dificuldade em memorizar nomes de cores, formas, números e escrita do nome;
- Dificuldade para seguir ordens mais complexas e seguir rotina;
- Dificuldades na habilidade motora fina;

<sup>1</sup> 2ª articulação da linguagem corresponde às letras isoladas.

<sup>2</sup> Estas informações são do site: [www.andislexia.com.br](http://www.andislexia.com.br)

- Dificuldade para seqüenciar ou recontar uma história;
- Dificuldade para recordar números e símbolos.

#### **Na Alfabetização e 1ª série do Ensino Fundamental:**

- Dificuldade em identificar e aprender as letras do alfabeto;
- Incoordenação motora de letras e números;
- Dificuldade em separar e seqüenciar fonemas (ex. p – u – l – a):
- Dificuldade em entender rimas (habilidades auditivas);
- Dificuldade em discriminar fonemas homorgânicos (p – b, t – d, f – v, k – g, x – j, s – z);
- Dificuldade em seqüenciar e memorizar palavras;
- Dificuldade em para aprender a ler, soletrar e escrever;
- Dificuldade em orientação espacial (direita - esquerda, embaixo – em cima) e lateralidade;
- Rendimentos escolares baixo, piorando com os sintomas emocionais negativos de inferioridade e rejeição à escola;
- Dificuldade em escrever letra cursiva;
- Dificuldade na preensão do lápis;
- Dificuldade de transcrever do quadro;

#### **Da 2ª a 8ª Série do Ensino Fundamental:**

- Nível de leitura abaixo do esperado para sua série;
- Dificuldade na seqüenciação de letras em palavras;
- Dificuldade em soletração de palavras;
- Não gosta de ler em voz alta diante da turma;
- Dificuldade em interpretar enunciados de problemas matemáticos;
- Dificuldade na expressão da escrita;
- Dificuldade na elaboração de textos escritos;
- Dificuldade na organização da escrita;
- É possível terem dificuldade na compreensão de textos;

- É possível terem dificuldade para aprender outros idiomas;
- Dificuldade na compreensão de piadas, provérbios e gírias;
- Presença de omissões, trocas e aglutinação de grafemas;
- Dificuldade de planejar e organizar (tempo) tarefas;
- Dificuldade em conseguir terminar as tarefas dentro do tempo;
- Dificuldade na compreensão da linguagem não-verbal;
- Dificuldade em memorizar a tabuada;
- Dificuldade com figuras geométricas;
- Dificuldade com mapas

O disléxico erra muitas as palavras funcionais (vazias, sem conteúdo) como os pronomes, artigos, conjunções e preposições.

#### **No Ensino Médio:**

- Comete erros na leitura;
- Dificuldade contínua em soletrar palavras mais complexas, em planejar e fazer redações;
- Dificuldade em recontar histórias;
- Dificuldade em memorizar;
- Dificuldade de entender conceitos abstratos;
- Dificuldade de prestar atenção em detalhes ou, ao contrário, atenção demasiada a pequenos detalhes;
- Vocabulário reduzido;
- Criação de subterfúgios para esconder sua dificuldade.

#### **Em adultos:**

- Continua a dificuldade em escrever em letras cursivas;
- Dificuldade em planejamento e organização de textos;
- Dificuldade em seguir horário (adiantam-se, chegam tarde ou se esquecem);
- Falta do hábito de leitura, por causa de sua própria dificuldade;

- É comum terem talentos espaciais (engenheiros, arquitetos, artistas, mecânicos etc.);
- Sua qualidade de vida dependerá dos ensinamentos específicos e contínuos capazes de produzir estratégias compensatórias;

#### **Ensinamentos Específicos para os Disléticos:**

- Consciência fonológica- os sons e suas combinações;
- Organografia – regras da grafia;
- Vocabulário – condição para o entendimento das palavras derivadas, sinônimos e antônimos, gramática – prefixos, sufixos, conjugação verbal;
- Sintaxe – parte da gramática que ensina a dispor as palavras para formar orações, periódicos, parágrafos e o discurso;
- Compreensão – estratégias de reconhecimento prévio do texto, como a leitura de títulos e subtítulos, palavras em destaque, observação de gráficos e figuras, enfim, indicadores do conteúdo e contexto do texto a ser lido;
- Produção do texto – organização e elaboração de idéias, coesão e coerência, criação de palavras-chave, abertura e fechamento.
- Pontuação – Entonação na leitura e escrita;

O mesmo tipo de ensinamento dado à criança deve ser utilizado no adulto, usando a abordagem multisensorial dirigida a estimulação dos dois hemisférios cerebrais.

As recomendações dos especialistas são para os alunos disléticos ter o acompanhamento de um professor especializado com dois ou três encontros semanais com duração de uma a duas horas no período de um a três anos.

O professor e/ou pais devem estimular atividades na área de interesse da pessoa, como por exemplo, engenharia, e-mail, bulas, guias informativos, enfim, uma seleção de material que seja parte do dia-a-dia da pessoa, que desperte a atenção, e a motivação desta. E o uso de agendas, listas, anotações são estratégias visuais que o auxiliaram evitando confusões de nomes, datas, direções, endereços e outras.

O computador com recursos de auto-correção é altamente recomendável. Ele é um aliado se for do interesse e relevante para o adulto, principalmente nos casos de persistência da dificuldade em escrever em letras cursivas.

## Questões sobre a Dislexia

Para completar o estudo, foi realizada uma pesquisa nas escolas da cidade de Pontes e Lacerda MT, a qual realizou um levantamento sobre as dúvidas de alguns professores sobre o tema com a finalidade de saber como o professor entende a dislexia.

1. Sou um professor de quarta série de uma escola rural e um aluno, além de cometer muitos erros de ortografia em sua escrita ele troca letras, como g – c, n – l; lh – ll; o – a; gostaria de saber o porquê desses erros e segundo a mãe o menino tem mancha no cérebro e também o aluno chora ao ser chamada a atenção.

R: A mancha no cérebro é um nome fantasia que os médicos dão para a disritmia cerebral. É normal a dificuldade de aprendizagem, mas com os tratamentos medicamentosos, psicológicos e fonoaudiológico adequado pode chegar a um resultado satisfatório.

A troca da letra o por a, é decorrente de letra feia, decorrente de letra feia, decorrente da falta de atenção ao formato das letras e a falta de domínio da lateralidade do aluno o professor da alfabetização deve reforçar esse conceitos e a troca de lh por ll é por falta de domínio das regras gramaticais. As trocas dos grafemas n por l ocorrem por serem produzidas no mesmo ponto articulatório e os grafemas /g/ por /c/ a alteração de percepção auditiva, que pode ser a causa das trocas e omissões de letras. Seria interessante verificar como foi a alfabetização desse aluno e encaminhá-lo a especialista para treinamento adequado às crianças com disritmia cerebral.

2. Por que alguns alunos têm dificuldade para juntar as sílabas e de formar as palavras?

R: Essa é uma capacidade de visualizar o todo, dividi-lo em partes e depois juntar tudo de novo, como no jogo de quebra-cabeça. Essa capacidade é denominada de análise-sintaxe.

Na alfabetização, o aluno faz a mesma coisa com as palavras. A leitura é uma ótima sugestão, pois o aluno ouve, vê e só depois escreve a palavra lida.

3. Eu tenho um aluno que não lê e não apresenta trabalho na frente da classe.

R : Os adolescentes ou adultos não gostam muito de se expor ou se expõem demais. Só por isso não pode ser classificado como um disléxico, isso acontece porque nas escolas não se pratica a expressão oral.

4. Por que eles têm dificuldade de memorizar?

R: No caso de alunos "normais", a memorização se dará conforme a necessidade social de utilizá-la. No caso das disléxicas pode ter alteração na memória auditiva, por isso tem dificuldade de lembrar os sons das letras ou relacionam os sons para formar palavras. Se for alteração na memória visual terá dificuldade de relacionar os sons da letra com seus correspondentes gráficos, as alterações poderão vir juntas.

5. Como diferenciar o aluno com má-alfabetização do dislético?

R: Os aspectos resultantes da má alfabetização tende a ser eliminados com a orientação adequada, já as características dislexia são persistentes, sendo necessário a criação de estratégia que o auxiliaram no desempenho escolar.

6. A dislexia é transmitida de pai para filho?

R: É comum encontrar outros familiares com os mesmos problemas.

7. Eu acho que a criança dislética deveria frequentar uma escola especial, pois receberia atendimento especial. Estou certa?

R: Não. O dislético deve frequentar a escola regular. A escola deve se preparar para recebê-lo com profissionais aptos e adequar-se às especificidades dos disléticos.

8. Por que a criança dislética tem dificuldade de leitura?

R: Para uma boa leitura oral, é necessária integridade visual e auditiva para o cérebro poder processar as informações. É como a criança dislética tem alteração na percepção visual ou auditiva a informação chega distorcida no cérebro prejudicando a leitura da criança.

9. A dislexia pode ser adquirida?

R: A dislexia tem um quadro clínico que acompanha a pessoa desde o seu nascimento, porém ela pode ocorrer em alguns casos de doenças graves como o traumatismo craniano, doenças neurológicas ou distúrbios emocionais.

A aprendizagem da leitura é o conhecimento mais importante adquirido na escola, pois sem ela a aquisição de outro ensinamento é quase impossível, visto que a comunicação na sociedade atual é voltada para as pessoas leitoras.

O professor alfabetizador é responsável por essa imensa tarefa. Consciente dessa problemática o governo tem investido na especialização desses profissionais. Entrar em

contato com os problemas da alfabetização melhora a diversidade capacidade em perceber as alterações ocorridas durante esse processo.

O fato de algumas crianças apresentarem dificuldade de ler um texto e/ou o que ela própria escreveu durante as aulas, às vezes considerado como casos de dislexia. Isso é um engano porque outros fatores interferem no aprendizado da leitura. A dislexia poderá se manifestar a partir do 4º ano de escolaridade ou até mais tarde e engloba outras características como vimos no início do capítulo.

É importante lembrar que a dislexia nunca poderá ter o seu diagnóstico confirmado antes de 7 anos de idade com pelo menos um ano de escolaridade. Para evitar falha é necessário uma avaliação de profissionais especialistas e experientes para o fechamento do diagnóstico.<sup>3</sup>

A pré-escola é de extrema importância para a criança que apresenta sinais de dislexia nesta fase, pois a internalização de conceitos importantes para a alfabetização são construídas nesse período, como os conceitos de formas, igual/diferente, lateralidade, comprimento, quantidade e outros.

Uma dúvida marcante do professor é quanto à diferenciação entre a má-alfabetização e a dislexia. Não é o objetivo desse trabalho discutir fatores que levam a má-alfabetização, porém relatarei sobre um depoimento de um aluno do último ano da faculdade que na infância, por ter problemas de relacionamento com o professor, não conseguiu aprender a ler e acabou por repetir a primeira série.

O professor diagnosticou erroneamente o problema do aluno como um caso de dislexia. A partir daí o objetivo do aluno foi vencer essa dislexia.

Ele se identificou como um dislético, mas o verdadeiro problema foi o relacionamento professor-aluno. Como o fato aconteceu no princípio dos anos 80, época que existia a tendência de patologização do problema, isso eximiu a responsabilidade do professor sobre este aluno que superou essa dificuldade por si próprio. Para que o referido aluno fosse considerado um dislético seria necessário que ele apresentasse além da dificuldade de leitura outras características e o grau de dificuldade poderia melhorar, nunca curar, e a tendência de pessoas sem o atendimento de um especialista é

---

<sup>3</sup> Essa informação foi retirada do site [www.dislexia.poltsi.com](http://www.dislexia.poltsi.com)

de aumentar e não diminuir como no caso citado, portanto foi precipitado o diagnóstico do professor.

O relacionamento professor-aluno é um tema relevante para a aprendizagem e deve ser considerado na avaliação dos problemas de aprendizagem, evitando-se dessa forma um diagnóstico equivocado.

No caso de confirmação de diagnóstico a escola deve adaptar-se a essa realidade por se tratar de uma dificuldade de leitura que é referente ao processo lingüístico.

## CAPÍTULO II

### O PROCESSO DE LEITURA E DA ESCRITA

#### O Processo da Leitura

A leitura é uma aptidão da linguagem verbal, assim como a escrita, a fala é o ouvir. A leitura é processo de compreender que inclui fatores emocionais, cognitivos, neurológicos, sensoriais (audição de a visão), fisiológicos assim como socioculturais e políticos do leitor. É a relação entre os sons e os sinais gráficos, por meio da decodificação do código e a compreensão do conceito ou idéia.

A leitura e a fala não é um ato natural, mas um processo aprendido ao longo do tempo e o sucesso de sua aquisição dependerão das oportunidades surgidas em sua vida.

A decodificação é a habilidade de identificarmos um símbolo gráfico (letra, palavra, desenho figurativo) assim como a idéia da palavra é a representação dos sons das palavras. Os símbolos gráficos são percebidos através da visão que transmite a imagem (palavra) para o cérebro.

A relação entre os sons e seus respectivos sinais gráficos – o leitor entende que cada sinal gráfico representa um determinado som.

A compreensão é a captação do sentido ou conteúdo das mensagens escritas. Sua aprendizagem se dá através do domínio progressivo de textos escritos cada vez mais complexos (ALLINEDE, 1987: 27) <sup>4</sup>. O leitor entenderá a mensagem de acordo com sua vivência pessoal.

A aquisição de signos gráficos requer uma integridade sensorial (visão, audição, olfato, gustação, tato) e também a habilidade de fazer uma integração de suas vivências não-verbais, ou melhor, ser capaz de perceber as diferenças entre um símbolo e outro, concederem-lhe sentido próprio, guardá-lo e analisar a mensagem no contexto social.

---

<sup>4</sup> Informação retirada do site: [www.malhatlantica.pt/ecaem/viante Martins 3.htm](http://www.malhatlantica.pt/ecaem/viante%20Martins%203.htm)

## Os Processos do Leitor

A psicolingüística tem na leitura uma aptidão complexa, a qual contém uma série de processos cognitivo-lingüísticos de diversos níveis, que começa com a percepção visual e termina com a decifração e seu entendimento.

Os processos básicos, isto é, que se voltam à decodificação e à compreensão de palavras são particularmente importantes nas primeiras etapas da aprendizagem da leitura (ou leitura inicial na educação infantil) e devem ser automatizados ou bem assimilados no primeiro ciclo do ensino fundamental (até à quarta-série), já que um déficit em algum deles atua como um nó de gravata que impede o desenvolvimento dos processos superiores de compreensão leitora.<sup>5</sup>

## Processos Perceptivos

O contato da criança com o mundo é realizado por meio dos sentidos, elaborando e entendendo os fatos que acontecem a sua volta.

Na concepção de Coelho (s/d: 78), na pré-escola todos os aspectos da percepção devem ser trabalhados: o visual, o auditivo, o tátil, o olfativo e o gustativo. É através da percepção visual que se capta mensagem do mundo visível e mantém-se uma relação da memória de longo prazo com a inteligência.

Outros autores reforçam o valor da pré-escola que poderá diminuir o risco da dislexia em até 50% na 2ª série e ainda demonstram a possibilidade de se realizar tarefas de consciência fonológica na sala de aula.

A partir do pressuposto acima, verificamos que a percepção visual e a auditiva são importantes para o aprendizado da leitura. É comum encontrarmos esse tipo de alteração em alunos disléxicos que alteram sua leitura de segunda maneira.

Quando uma criança tem dificuldade de aprender através dessa linguagem auditiva e visual, não conseguindo reter e integrar na sua experiência o que ouve e lê, pode-se esperar que ela venha a manifestar um distúrbio de leitura. (JOSÉ & COELHO, s/d: 86)

---

<sup>5</sup> Informação retirada do site: [www.malhatlantica.pt/ecaem/viante Martins 3.htm](http://www.malhatlantica.pt/ecaem/viante%20Martins%203.htm)

Vejamos a ilustração sobre a citação acima:



Outras alterações encontradas no disléxico são as falhas nas conexões cerebrais, as quais na leitura captam somente na área cerebral que processa os fonemas e como consequência não discrimina fonemas de sílabas porque a área cerebral responsável pela palavra está inativa. Não corresponde com a área responsável pela identificação das palavras, e por isso, o leitor disléxico não lembra as palavras lidas anteriormente. E como tudo que lê é novo, a leitura é uma tarefa que requer grande energia. Por causa disso, a atividade de ler tem que ser agradável e interessante.

Através da percepção visual entramos em contato com os símbolos gráficos. O tempo, a qualidade e a direção dos movimentos dos olhos para se entender as entrelinhas do texto resultam o tipo de texto, da integridade intelectual do leitor, da visão envolvendo o cansaço visual, distância olho, texto, a iluminação, postura do corpo ao ler e o tipo de papel e letra.

### Processos Léxicos

É o processo responsável pelos significados das palavras lidas durante o ensino da língua portuguesa ou qualquer outra e isso é o aspecto mais importante na escola, família e aluno.

Para atingir o reconhecimento e o significado da palavra pode usar o método fonológico e o construtivista.

O método fonológico é o método que ensina a leitura através dos sons das letras (fonemas), além dos elementos da metalinguagem, a qual o leitor adquire a consciência fonológica das palavras escritas, ou seja reconhece a relaciona o som com o símbolo gráfico de cada letra. É isso fornece ao leitor a habilidade de ler palavras complexas e

desconhecidas. As etapas iniciais da alfabetização dependem da consciência fonológica que consiste também da percepção de que um som pode corresponder a mais de uma letra.

O método construtivista ou global ou visual: é o método que trabalha com o reconhecimento de toda a palavra, pronunciando-a sem estudar a letra em separado.

É como no letramento no qual o leitor reconhece e atribui significado à palavra ao ler.

Ambas as abordagens são utilizadas na leitura e com o tempo adquirem-se mais domínio em seu uso.

### **Processo da Escrita**

A linguagem oral era predominante na comunicação humana e vagarosamente o homem foi registrando através das letras os sons da fala.

Assim, surgiu a linguagem escrita, que é a linguagem oral representada através de símbolos gráficos. A linguagem escrita sofreu transformações desde a sua criação e na sociedade atual ocorreram vários estudos sobre a dificuldade de algumas pessoas de adquirirem a escrita, tornando-se mal compreendidas e estigmatizadas. *A escrita é uma das formas superiores de linguagem; requer que a pessoa seja capaz de conservar a idéia que tem em mente, ordenando-a numa determinada seqüência e relação.* (COELHO, s/d: p. 92)

O ato de escrever consiste na conversão da linguagem oral em linguagem escrita; para isso é necessário elaborar e ordenar as palavras ou idéias e pôr na folha. A escrita implica no mecanismo e na expressão da idéia.

Não existem testes padronizados para avaliar a escrita, a escrita é avaliada pela postura corporal e da apreensão dos dedos, tipo de letra, extraindo a partir de materiais escritos as alterações, e o especialista verificará o desenvolvimento motor e os aspectos da percepção, principalmente o visual e movimentos involuntários que possam dificultar o ato de escrever.

Assim como na leitura, a escrita tem uma correspondência entre a percepção auditiva e a experiência de vida da criança (significado).

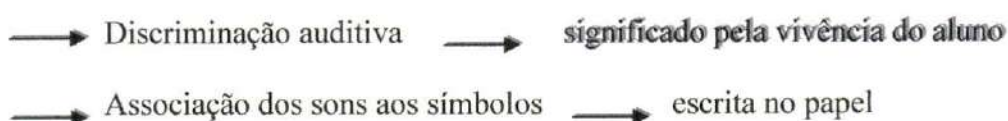


Quando o aluno interioriza o significado tem mais facilidade.

Segundo José & Coelho (s/d: 93), ao copiar uma palavra a criança deverá:

- fazer uma discriminação visual de cada detalhe da palavra;
- relacionar os símbolos impressos aos sons e aos movimentos fonoarticulatórios;
- observar o traçado de cada letra da palavra;
- Ter em sua vivência o significado da palavra copiada;
- Reproduzir graficamente a palavra no papel.

O processo é o mesmo com as palavras ditadas:



Como existe sempre relação entre a palavra impressa e o som, a criança precisa primeiro aprender a ler para depois escrever. E como ao aluno disléxico tem alteração na leitura, na percepção auditiva ou visual, sua escrita encontra-se alterada. Por isso sua escrita poderá ser lenta, laboriosa, ilegível, sem controlar o tamanho da letra, dentro do espaço do papel.

A escrita correta envolve o desenvolvimento da fala, da orientação espacial e temporal, coordenação motora e visomotora, memória visual e auditiva, foras de apreensão do lápis e o prazer de estudar.

### **Distúrbios da Escrita**

A partir de Filho (1997), algumas alterações poderão acompanhar a escrita do aluno disléxico, como a disgrafia e a alteração de ortografia.

**Disgrafia** – É a alteração no formato e direção da letra escrita que interfere na decifração do símbolo gráfico.

**Disortografia** – O aluno não consegue usar as regras ortográficas da língua, por isso a correção deve ser feita baseada na produção de textos para que ela perceba a necessidade da ortografia na comunicação escrita, *considerando que o real objetivo da escrita é o de possibilitar a comunicação de idéias por meio do código gráfico, deveríamos priorizar o conteúdo das emissões gráficas, desde o início da sua manifestação.* (FILHO, 1997: 914). As alterações encontradas são de origem perceptiva-auditiva e visual, ocasionando trocas e omissões de letras na palavra. A inabilidade matemática tem vários níveis e complexidade, e podem ser originados na dificuldade de percepção de tempo e espaço no processo lógico-matemático, influenciado pela inabilidade da leitura. Inicia-se nos conceitos matemáticos básicos e leva a dificuldade até os cálculos mais avançados.

**Discalculia** – transtorno parecido com a dislexia, o aluno apresenta dificuldade na simbolização dos números e na habilidade aritmética.

Como o domínio da escrita é adquirido durante o processo de alfabetização, só deveríamos considerar como alteração se percebermos um atraso considerável em comparação com o desenvolvimento normal da escrita.

## CAPÍTULO III

## COMO É VISTO O PROBLEMA DA DISLEXIA NA ESCOLA

Os estudos sobre a alfabetização tiveram uma evolução durante os séculos XIX e XX. Antes, a habilidade de ler e escrever eram vista até como prejudicial para as camadas menos favorecidas, por levá-las a discutir sua própria condição social. Para estas, o ensino era prestado em classe com mais de 100 alunos, devido a pouca quantidade de professores que não questionavam o grande número de desistência ou repetência de seus alunos, portanto a escola trabalhava em paralelo com a sociedade que a cercava, todos deveriam se adequar a ela.

Após a Revolução Industrial, a instrução escolar tornou-se necessária devido a necessidade de profissionais capacitados para trabalhar com as novas tecnologias. A partir de 1960 cresceu a discussão sobre o fracasso escolar e os problemas sociais levaram a culpa. Mais uma vez os provenientes de classes sociais menos favorecidas eram quase que predestinados a serviços braçais e, até hoje com as condições precárias das escolas das periferias das cidades, percebe-se que as oportunidades ofertadas a seus alunos não são as mesmas oferecidas aos alunos das escolas centrais.

Em 1990, é firmada a Declaração Mundial sobre a Educação para todos, a qual não só a UNESCO e a UNICEF, mas também o Banco Mundial, começaram a formar políticas para aumentar o nível de alfabetização no Brasil e no mundo.

A partir dessa revolução a preocupação governamental do Brasil concentra-se no aumento da quantidade de escolas construídas e a quantidade de alunos matriculados na primeira série, dados esses que confrontaram-se com o aumento da população que cresce aproximadamente 4 milhões de habitantes por década, e, conseqüentemente, o número de criança no primeiro ano também. Outra preocupação é a colocada por Ferreira (2003) *A repetência explica que o aluno médio do ensino primário permaneça 7 anos no sistema, mas só obtenha aprovação em 4 anos de escolarização (apud documento Cepal- Unesco, p. 44-5).*

Através desses dados confirma-se a baixa qualidade de ensino, por não concentrar nos fatos reais que levam a esses dados tão tristes. É o que Bourdieu (1966) chamou de indiferença às diferenças (apud Perrenoud, 2001).

Ora, a escola tem o papel de informar, de passar conhecimento e assim transforma o aluno, por isso o pensamento antigo citado anteriormente que o ensino era prejudicial às pessoas de baixa renda. Porém, uma escola solidificada em um sistema rígido, único para todos, tem como única solução, vê os que não se adequam como deficientes, fazendo com que a criança (aluno) assuma para si a culpa de um transtorno causado pela rigidez da própria escola. Em uma sala de aula é comum encontrar pessoas diferentes e a escola deveria ser flexível diante dessas diferenças, pois cada qual tem sua história. Um exemplo disso seria que ao aprender a ler os alunos da 1ª série reagiriam de modo diferente, mas como o ensino é aplicado da mesma maneira para todos, nem sempre isso é levado em consideração.

A leitura deve ser uma prática agradável, todos conhecem a alegria de uma criança ao aprender a ler e ela também deve ser capaz de escrever o que quer, mas muitas vezes a escola não atinge esse objetivo, talvez por ser tão rígida fazendo com que todos realizem os mesmos exercícios, muitas vezes repetitivos e fora do contexto, após usar métodos sintéticos ou fônicos que valorizam a escrita de forma diferente dos escritos nas placas, *outdoors* e outros escritos do dia-a-dia da criança e desassociada das outras matérias escolares, resultando numa má alfabetização, porque a dificuldade de leitura aparece não porque a criança tem algum problema, mas faz parte do processo de aprendizagem. Segundo Kato (2003), *na língua oral não se aprende um fonema nem uma sílaba e nem um palavra por vez. As palavras são aprendidas, são desaprendidas, são definidas e são redefinidas continuamente.* (KATO, 2003).

Como não corre uma flexibilidade da escola para aceitar esse processo de aprendizagem de leitura e o aluno como sempre leva culpa, a escola questiona sua maturidade para aprender, sendo diagnosticadas com patologias inexistentes para a idade, como Ferreira (2003) relata:

A noção de maturidade trouxe uma nova clientela para os psicólogos e psicopedagogos. Além dos 'problemas de aprendizagem', eles podem se ocupar dos 'pré-diagnósticos dos problemas de aprendizagem'. Com o saudável princípio de 'melhor prevenir do que remediar', diagnosticaram-se como disléxicas crianças de 4 e 5 anos.

Atualmente, os terapeutas têm mais conhecimentos sobre aprendizagem e sabem que muitos clientes que freqüentam as clínicas, necessitam mesmo é de uma

alfabetização melhor, como por exemplo: ao invés de exercícios repetitivos para fixar a leitura da letra s, ç, ss, conscientizar o aluno de que se usa o mesmo som para letras escritas diferentes<sup>6</sup>, mas as escolas teimam em encaminhá-las para profissionais especializados. Isso me lembra de um caso recente ocorrido na cidade na qual resido, sobre um caso de uma criança de 5 (cinco) anos com escrita espelho e tida como disléxica pelos pais. Na verdade, os pais tinham muita vontade de alfabetizá-la, insistiu para a direção do colégio colocá-la em uma classe adiantada, apesar da advertência da escola, a solução foi colocar a criança em uma sala adequada à criança.

Esse caso trata de uma aluna do ensino particular que encontrou um bom profissional, mas é comum a matrícula de crianças sem diagnóstico de um especialista nas escolas de educação especial, sendo que o único problema é a qualidade de alfabetização, com situações iguais a esta.

Com o aumento dos cursos de especialização, a dislexia foi mais divulgada e apareceu uma enxurrada de alunos ditos disléxicos nas salas de aulas, que são encaminhados para especialistas ou discriminados entre a turma. Isso evidencia a necessidade de um especialista nas escolas para definir estes casos.

A maioria dos problemas de escrita dos alunos é decorrente da baixa qualidade de ensino, pois os alunos precisam da escola para adquirir e saber usar a escrita. Essas atividades escolares, com tudo, não lhes fornecem habilidade de nada: e os alunos terminam por reproduzir um código estranho.

E a proposta de alfabetização é de que elas sejam capazes de expressar-se socialmente através de escrita e isso não acontece.

Verifica-se que a maioria das alterações encontradas nada tem haver com a dislexia. Nos casos das letras feias, nas quais o professor não distingue o a do o, isso acontece porque o professor alfabetizador não se deteve à forma como esse aluno aprendeu a escrever. Selikowitz (2001: 74) salienta que:

Deve-se ensinar a criança que o ligamento 'pertence' à letra que a precede.

---

<sup>6</sup> Informação retirada do curso de especialização de Linguagem do CEFAE de SP, em 2002, por Jaime Zorzini, fonoaudiólogo.

Quando "b" ou "p" são precedidos de "o", a ligadura os une perto da linha superior. Quando são precedidos de "a", a ligadura os une perto da linha de base.

Por exemplo:

Bola      bala

Esse modo de escrever pode também ser devido à posição do lápis ou à postura corporal do aluno, pois, ao escrever, a mão deve firmar a folha e estado de conservação das carteiras escolares, a falta de apoio nos pés, quando estes não alcançam o chão, tem grande influência da postura durante a leitura e a escrita do aluno.

A escrita manuscrita deve ser privilegiada por manter as letras juntas, é mais simples por manter o lápis sobre o papel, o qual só é retirado entre as palavras.

É bom lembrar que, para facilitar a aprendizagem das letras semelhantes, tais como: p, a, c, d, g, q, estas devem ser aprendidas em grupos. Inicia-se com a cópia do seu traçado para depois escrevê-la sem olhar. O professor deve mostrar o começo do traçado de cada letra e elogiá-lo por seus esforços.

No caso de troca das letras lh pr ll, pode ser considerado também o mesmo problema citado anteriormente, pois fazem parte do mesmo grupo b, h, k, l, p, ou ainda por não ter internalizado esse conceito da ortografia da língua portuguesa. A troca do lh e ll pode ser um distúrbio de memória, que pode ser de curto prazo (por não lembrar de algo que acabou de acontecer) ou longo, (não lembra de algo que aconteceu dias ou meses atrás). Nas letras lh e ll é possível uma alteração de memória visual, que é definida como:

As dificuldades a nível visual, caracterizam-se pelos problemas em relacionar os sons que se ouvem às palavras que se elaboram mentalmente, como os correspondentes gráficos que os representam. (FILHO, 1997: 913)

Essa é uma memória relacionada à leitura e escrita, pois o aluno copia bem, mas não consegue escrever por ditado ou fazer uma redação, por não ser capaz de recordar a

forma das letras, principalmente as parecidas. Quando ocorre este tipo de distúrbio, é indicado o encaminhamento ao oftalmologista, mas a alteração ocorre devido ao modo como as letras lidas são interpretadas. Também, pode acontecer do aluno ter problemas visuais como a miopia e ser confundido com os disléxicos. Desta forma a avaliação com o médico oftalmologista é importante no diagnóstico diferencial da dislexia.

Por outro lado, esse tipo de dificuldade na escrita também pode ser encontrado na criança com disritmia cerebral, diferenciando-a da dislexia, devido a esta última não ter uma alteração cerebral comprovada.

Isso ressalta a importância de se conhecer as outras características comuns da dislexia, e de especialistas para definir o quadro.

Quanto à troca das letras *c* por *g*, além de fazerem parte do mesmo grupo de forma das letras, também pode ser uma alteração a nível de percepção auditiva ou ocorrerem por terem os mesmos pontos de articulação. Para se ter um funcionamento da audição, é preciso que se percebam os símbolos gráficos e serem levados ao cérebro, o qual interpreta e associa o som ao sinal gráfico. Essa troca

Pode manifestar-se por trocas na representação gráfica de fonemas que se contrapõem pelo ponto ou modo articulatório, porém as mais frequentes são as trocas pelo traço de sonoridade. (f'v; p'b, t'd; c'g; x, ch' f)...

A dificuldade perceptual auditiva pode ter ainda como sintomas as inversões de grafemas ou de sílabas dentro da palavra ou até mesmo omissões silábicas.

Considerando que estas trocas e omissões são vistas como de natureza auditiva, as mesmas podem, ou não, vir precedidas de alterações na fala. (FILHO, 1997: 913).

A escola pode ajudar o aluno com dificuldade auditiva propiciando atividades para estimular a discriminação auditiva de sons parecidos (f'v; p'b, t'd; c'g; x, ch' j, g) e com exercícios de memória auditiva, por exemplo: descobri na classe o aluno capaz de lembrar o maior número de palavras ditas pelo professor.

O professor sabe que na língua portuguesa nem sempre o som da letra corresponde ao símbolo gráfico, como nos casos dos dígrafos. Por isso durante o início da alfabetização é comum a ocorrência de algumas confusões ao decodificar o grafema na leitura e na escrita.

Alguns professores confundem problemas de ortografia com a dislexia. Como no caso de dois alunos do 2º grau de uma escola estadual no qual um troca o m pelo n antes do p e b e o outro coloca no m antes da consoante c como na palavra concerto (musical) ele escreve comncerto. Nesses casos, a dificuldade é ortográfica, pois os alunos não conseguem memorizar esta regra da ortografia da língua portuguesa por motivos variados. Normalmente os adolescentes não gostam de ler e escrever. Isso causa uma falta de domínio da língua para comparar o uso das palavras nas diversas situações, por exemplo: conncerto (musical) conncerto (ato de consertar algo), portanto ele não percebe a função da letra na palavra.

Outro fator importante que influi na escrita do aluno é a escrita do computador comparado até a um novo código gráfico surgido para facilitar a comunicação através da digitação e acaba por causar uma alteração na escrita da língua portuguesa. Para se definir um diagnóstico seria necessário conhecer melhor o aluno, mas acredito ter esclarecido a dúvida do professor. A disortografia *Caracteriza-se pela incapacidade de transcrever corretamente linguagem oral, havendo trocas ortográficas e confusão de letras. Essa dificuldade não implica a diminuição da qualidade do traçado das letras* (COELHO, s/d: 96).

Essa afirmação esclarece a dúvida do professor e mostra que isso não é dislexia.

Nas pesquisas realizadas, encontrei uma pergunta super interessante na revista ciência on-line<sup>7</sup> sobre a preparação da escola para receber o disléxico:

*Quais as causas ou fatores de ordem pedagógico-lingüística que favorecem a aparição das dislexias?*

*De modo geral, indicaremos causas de ordem pedagógica, a começar por:*

- *Atuação do docente não qualificado para o ensino de língua materna, por exemplo, um professor ou professora sem formação superior na área de magistério escolar ou sem formação pedagógica, em nível médio, que desconheça a fonologia aplicada à alfabetização ou conhecimento lingüísticos e metalingüísticos aplicados aos processos de leitura e escrita;*
- *Crianças com tendências à inversão;*
- *Crianças com deficiência de memória de curto prazo;*

<sup>7</sup> Informações retirada no site: [www.cienciaonline.org/revista](http://www.cienciaonline.org/revista) Ano II – nº 05

- *Crianças com dificuldades na discriminação de fonemas (vogais e consoantes);*
- *Vocabulário pobre;*
- *Alterações na relação figura-fundo;*
- *Conflitos emocionais;*
- *As crianças com dislexia;*
- *Crianças com lesão cerebral;*

A partir do exposto, vemos importância do professor e da escola para receber o aluno é de extrema importância, caso contrário podem estimular o aparecimento de distúrbio de aprendizagem.

Alguns professores confundem problemas de ortografia com a disortografia associada à dislexia. Como no caso de dois alunos do 2º grau de uma escola estadual, sendo que um troca o m pelo n antes do p e b, e o outro coloca o m antes da consoante c como na palavra concerto (musical) eles escreve comcerto. Nesses casos a dificuldade é ortográfica, pois alguns alunos não conseguem memorizar esta regra da ortografia da língua portuguesa por motivos variados.

Uma outra particularidade no método sintético utilizado para alfabetizar os alunos, que como a criança aprende pa – pe – pi – po – pu, ao ser ensinando o ca- co – cu, o aluno coloca ce e ci no lugar de que e qui, isso acontece porque esta especificidade da língua portuguesa explicada anteriormente. O professor poderia ajudar o seu aluno a perceber essa diferença gráfica ensinando tudo junto (ca – que – qui – co – cu).

Na alfabetização, o educando conhece a fonética da escrita da língua portuguesa e só aos poucos vai percebendo que a relação entre os sons das letras nem sempre corresponde com o símbolo gráfico, portanto a quantidade de letras escritas em algumas palavras não são as mesmas quantidades de letras pronunciadas, e isso faz parte da descoberta da criança ao aprender a sua língua.

Enquanto o aluno não domina essas especificidades é comum a criança/adulto colocar o mesmo número de letras escritas da palavra pronunciada, e isso também influencia na separação entre as palavras, na pontuação, na utilização de letras maiúsculas e minúsculas e na diferenciação entre letras escritas de maneiras diferentes e pronunciadas de formas iguais (s, ss, ç) e tudo isso é confundido com os erros de ortografia e não tem relação nenhuma porque faz parte do aprendizado da língua portuguesa.

No decorrer da aprendizagem, o aluno vai se aprofundar no conhecimento dessas especificidades do alfabeto da língua portuguesa que em primeiro momento não fez parte de seu saber e assim o educando vai construindo o seu conhecimento cada qual traz consigo algumas informações adquiridas no seu dia a dia , mas nem sempre esse processo é seguido à risca, por isso não adianta separar em metas, mas o professor deve conhecer o desenvolvimento desse processo para que possa avaliar as evoluções do aluno e saber entender o pensamento dele. Por isso que:

[...] em uma visão construtivista o que interessa é a lógica do erro: trata-se às vezes de idéias que não são erradas em si mesmas, as aparecem como errôneas porque são sobregeneralizadas, sendo pertinentes apenas em alguns casos, ou de idéias que geram conflitos, que por sua vez desempenham papel de primeira importância na evolução. Alguns desses conflitos entendemos muito bem; esperamos entender melhor outros em um futuro não muito distante. (FERREIRO, 2003: 82)

Percebe-se então que para ensinar é necessário conhecer o processo de aquisição da aprendizagem, para isso o professor deve procurar ler sobre o assunto porque ele também faz parte desse processo e verá a escrita de seu aluno de uma forma mais animadora, valorizando o seu trabalho e conseqüentemente a si próprio.. No entanto, a persistência dessas confusões durante a leitura e a escrita faz-se necessário averiguar a origem dessas alterações para possível intervenção terapêutica.

Outra dúvida dos educadores é a dificuldade que alguns alunos têm para juntar as sílabas e de formar as palavras. Em um primeiro momento pode-se afirmar que essa "dificuldade" faz parte do processo de aprendizagem discutido anteriormente, porém como este trabalho tem a intenção de explicar as características do dislético, será verificada esta problemática para que o professor entenda melhor o que o seu aluno pensa para poder organizar de uma maneira mais adequada os ensinamentos de seu aluno.

A habilidade de separar, juntar e formar palavras é chamada de análise-síntese. A análise-síntese é a capacidade de visualizar o todo, dividi-lo em pedaços e depois juntar tudo de novo, como no jogo de quebra-cabeça. Existe a análise e síntese visual e auditiva.

A análise e síntese é estimulada desde a pré-escola, através dos jogos de encaixe, pintura e desenhos livres, recorte de figuras em duas ou mais partes e depois montá-la, caça-palavras (análise e síntese visual) e poesias com rimas, ouvir e cantar a música tocada (análise-síntese auditiva). Na palavra escrita ou falada, o aluno vê ou ouve, separa e junta novamente as suas partes. Assim:

|               |            |         |
|---------------|------------|---------|
| Bolo          | bo – lo    | bolo    |
| visão do todo | análise    | síntese |
|               | das partes | do todo |

Segundo José e Coelho (s/d: 93), *no processo da escrita é preciso que a leitura venha antes, ou seja, a palavra deve ser ouvida, visualizada e só depois escrita.*

Por isso que o aluno tem dificuldade na organização das sílabas e letras na criação de novas palavras. O professor deve propiciar atividades para que a criança supere esta dificuldade que deveria ter sido trabalhada na pré-escola e não deixar que o aluno carregue isso consigo, para outras séries ou fique retido.

Na formação de palavras, percebemos que algumas letras são colocadas por convenção como no caso da palavra "adolescente". Se retirarmos a letra s leremos "adolecente" do mesmo jeito e sem mudar o seu significado. Isso ocorre devido à origem da palavra. É bom lembrar que a língua portuguesa assim como outra língua qualquer sofre mudança, conforme observamos é um processo histórico e como fazemos parte desse processo não o percebemos, mas a tendência é que situações como essa modifique com o tempo.

A leitura e a escrita é um trabalho da escola e os pais devem exigir da instituição e de todos os envolvidos com a educação, até mesmo do Ministério da Educação, atitudes para o aprendizado da leitura e escrita de seus filhos.

A escola e os pais esperam formar leitores capazes de extrair o significado das palavras, orações e o seu mecanismo de funcionamento dentro do texto e se decepcionam ao perceberem que seus filhos/alunos n/ao são capazes de compreender o significado de uma palavra quanto mais de um livro.

Poucos pais, não encontrando solução dentro do ambiente escolar procuram os profissionais da saúde (pediatra, psicólogo, psiquiatras, neurologistas, psicopedagogos, fonaudiólogos, etc.) e suas intervenções têm sido de grande valor na educação de seus filhos, com isso os problemas lingüísticos ocorridos na formação escolar passa por uma nova perspectiva entre a escola, o aluno e os profissionais de educação.

Em última instância, o julgamento do outro (educador, especialista, reeducador), perante o erro não deve ter o objetivo de patologização do aluno. Assim, dislexia terá um sentido contrário do processo de aprendizagem da leitura e escrita e impedirá a educação escolar e, conseqüentemente, o impedimento do sujeito se construir enquanto cidadão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira atitude para instruir um aluno com dislexia é admitir que tem dificuldade na aprendizagem. Com o ensinamento adequado a melhora é significativa, apesar da cura ser motivo de controvérsia entre os autores.

A família deve ser uma aliada do professor no diagnóstico e no acompanhamento do aluno, porque as estratégias usadas influenciarão tanto a vida pessoal quanto a vida escolar.

Cada aluno deve ser avaliado separadamente e a equipe de especialista contará com as informações do professor, que serão seus aliados na escolha do melhor método para a alfabetização do seu educando.

O professor deve conhecer as características da dificuldade de seu aluno, a fim de elaborar estratégias para facilitar o dia-a-dia escolar e de entender o comportamento emocional, o afetivo e o cognitivo do educando.

O encaminhamento do aluno para o especialista realiza-se após uma avaliação criteriosa de toda a equipe escolar e com discrição para evitar o uso de rótulo e discriminação entre os colegas.

Cabe ao professor realizar um atendimento individualizado com o aluno, porque o seu trabalho é essencial para que ao aluno desenvolva estratégias para facilitar a aprendizagem e viver o mais normal possível.

Os métodos fonéticos bem organizados são os mais indicados porque ensinam primeiro o som de cada letra e como separar as sílabas das palavras e, no caso dos adultos disléxicos, o método fônico vem tendo bons resultados. A utilização dos métodos deve ser flexível às habilidades de cada aluno, deve sempre ser revisto o que o aluno aprendeu para compensar suas dificuldades de memória. Vejamos algumas atitudes da escola em busca de melhor resultado.

Sendo assim, cabe à escola:

- não desejar que o aluno disléxico tenha o mesmo nível de leitura dos outros alunos;
- valorizar o conteúdo dos textos e não evidenciar os erros cometidos na produção de texto;

- a avaliação oral evita constrangimentos e valoriza os conhecimentos do aluno dislético;
- prestigiar os pontos positivos de suas atividades;
- as lições de casa devem ser poucas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERREIRO, Emilia. *Com todas as letras*. 11.ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- FILHO, Otacílio Lopes. *Tratando de Fonoaudiologia*. São Paulo: Roca, 1997.
- JOSÉ, Elisabete de Assunção & COELHO, Maria Teresa. *Problemas de Aprendizagem*. 12.ed. São Paulo: Ática, s/d.
- KATO, Mary Aizawa. *O aprendizado da leitura*. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MENEZES, Gilda. *Como usar outras linguagens na sala de aula*. E.ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- OLIVEIRA, Rui de. *Neurolingüística e o aprendizado da linguagem*. Catanduva, SP: Respel, 2000.
- SELIKOWITZ, Mark. *Dislexia e outras dificuldades de aprendizagem*. Rio de Janeiro, Revinter, 2001.
- JBf – Jornal Brasileiro de Fonoaudiologia. V. 3, n. 10 (2002). Curitiba, maio.